

## **Introdução<sup>1</sup>**

Miguel Cardina

A História Oral é uma prática e uma metodologia de investigação baseada na realização, tratamento e interpretação de entrevistas, visando essencialmente a rememoração do passado. Entrevistador e entrevistado levam a cabo um processo – ou um «trabalho de relação», como lhe chama Alessandro Portelli num dos ensaios aqui traduzidos – que procura compreender acontecimentos, ambientes e percursos que, de alguma forma, foram experienciados pelo entrevistado. A importância da História Oral consiste então na capacidade de complementar o acervo de fontes disponíveis ou de trazer à superfície fenómenos nestas ignorados. Foi precisa-

mente neste sentido que Mercedes Vilanova defendeu o desenvolvimento de uma «História sem adjetivos», apta a utilizar fontes orais tal como utiliza números, imagens e textos<sup>2</sup>.

Mas a singularidade da História Oral reside também na forma como auxilia a transformação da memória em campo de estudo e em território pleno de problemas epistemológicos e potencialidades analíticas. Ao longo das últimas décadas, ela veio a converter-se num terreno particularmente favorável à consideração das dinâmicas que se estabelecem entre história e memória e, por via disso, à problematização de questões relacionadas com a subjetividade, o poder, o silenciamento, a verdade e a própria prática historiográfica.

Não é fácil determinar o momento em que este campo disciplinar iniciou a sua estruturação. A sociologia crítica do conhecimento tem-nos ensinado como as narrativas sobre a «origem» revelam tanto quanto escondem. Com efeito, sabemos que o recurso a testemunhos orais na construção do conhecimento se perde nas brumas do tempo<sup>3</sup>. E também sabemos que antes da História se mostrar interessada no uso de entrevistas – e a tecnologia permitir o seu arquivo áudio e visual – já os folcloristas e os antropólogos lhe haviam dedicado atenção<sup>4</sup>. Ainda assim, é corrente associar-se o início da História Oral aos seus primórdios norte-americanos, nas décadas de 1930 e 1940, e à criação, em 1948, do nova-iorquino *Columbia Oral History Research Office*, acometido à tarefa de recolher

e conservar testemunhos dos «grandes homens»: políticos, diplomatas, militares, empresários<sup>5</sup>.

Contudo, a esta História Oral focada no estudo das elites, ainda hoje bastante praticada, veio juntar-se uma outra, a partir de meados da década de 1960. Seguindo o trabalho pioneiro de ativistas e académicos de variada estirpe, e aderindo ao repto benjaminiano para se «escovar a história a contrapelo»<sup>6</sup>, a História Oral surgia agora como metodologia de uma História Social apostada em desvendar o rasto dos «vencidos»: mulheres, negros, indígenas, homossexuais, colonizados, camponeses, comunidades operárias, analfabetos ou semialfabetizados, etc. Se é verdade, como escreve Paul Thompson num texto clássico, que «a estrutura de poder trabalha como um gigantesco gravador, modelando o passado à sua imagem», a tarefa proposta consistiria então na revelação de práticas e experiências ignoradas pela documentação escrita e destinadas ao reconhecimento de grupos subalternos<sup>7</sup>.

Estas duas linhagens distinguiram-se pelo tipo de enfoque historiográfico, ainda que acabassem por convergir num certo entendimento da fonte oral como sendo um documento igual aos outros, do qual se deveria procurar retirar informações sobre o passado «tal como havia ocorrido»<sup>8</sup>. Efetivamente, boa parte dos esforços dos historiadores orais da época consistiu em afirmar, com algum sucesso, a legitimidade do recurso a testemunhos orais, ao mesmo tempo que impulsionaram discussões mais vastas sobre as noções de arquivo e de fonte históri-

ca. Neste contexto, os debates sobre a temáticas associadas à memória centravam-se essencialmente na definição das condições que permitiriam certificar a sua fiabilidade.

Uma linhagem alternativa começará a esboçar-se em meados da década de 1970. Tratava-se agora de assumir as características peculiares da História Oral, ponderando os mecanismos da construção da memória e a especificidade das fontes orais. Luisa Passerini e Alessandro Portelli são dois dos rostos internacionais desta linhagem, caracterizada por uma maior sofisticação teórica e por uma presença lateral à Academia ou exterior aos departamentos de História. Alessandro Portelli é um caso particular a este respeito: o seu interesse inicial no trabalho com fontes orais fez-se por via dos movimentos sociais e do ativismo cultural<sup>9</sup> – inscrito, em boa medida, na referida tarefa de «dar voz» aos silenciados – e a sua inserção académica foi desde sempre num domínio paralelo, o da Literatura Norte-Americana.

Este livro reúne cinco textos escritos por Portelli em diferentes momentos da sua intervenção pública como intelectual empenhado e historiador oral. Dividido em duas partes, a primeira junta artigos que abordam a História Oral a partir das questões metodológicas, epistemológicas e éticas que ela convoca. A segunda parte, tomando como objeto a Itália do pós-guerra, ocupa-se da temática da memória e do modo como ela se relaciona com os acontecimentos – ocorridos ou imaginados – e com as dinâmicas sociais e políticas.

Publicado inicialmente em 1979, «O que torna a História Oral diferente», que constitui o primeiro capítulo do presente livro, consiste numa estimulante reflexão sobre o trabalho com fontes orais. Para Portelli, a primeira diferença reside no facto das fontes orais serem compostas por palavras faladas, possuindo por isso uma essencial dissemelhança relativamente ao plano da escrita. A segunda diferença está na sua narratividade, obrigando a uma análise da entoação, do volume, do ritmo e dos registos linguísticos utilizados. Em terceiro lugar, as fontes orais, embora nos possam informar acerca de factos desconhecidos, distinguem-se pela capacidade de desvelar o significado que determinados acontecimentos possuem para os sujeitos ou comunidades. Por fim, as fontes orais caracterizam-se por serem subjetivas e resultarem de um encontro intencional e situado no tempo entre entrevistador e entrevistado.

A natureza dialógica da História Oral é precisamente o tema de que se ocupa «Um Trabalho de Relação. Observações sobre a História Oral». O autor parte da circunstância das fontes orais não serem descobertas pelo historiador – mas sim construídas na sua presença e por sua iniciativa – para mostrar como elas exigem do investigador uma capacidade de *escutar* efetivamente o narrador e uma disponibilidade para alterar a partir daí a sua agenda de investigação. Enquanto «trabalho de relação», a História Oral permite então examinar os enlances estabelecidos entre presente e passado, público e privado, história e autobiografia, escrita e oralidade, verdade e imaginação.

Boa parte do trabalho de Portelli tem-se focalizado, aliás, na tarefa de revelar o significado dessa imaginação deslocada ou, como lhe chama noutro lugar, desses «sonhos ucrónicos»<sup>10</sup> que introduzem as noções de esperança, desejo e contingência nas análises dos processos históricos.

Em «A tentar aprender algo: reflexões sobre ética na História Oral» discutem-se as implicações éticas oriundas de um labor historiográfico que toma as entrevistas como objeto primordial. Com efeito, as questões relativas ao correto posicionamento do investigador diante dos entrevistados e das narrativas que lhe são oferecidas têm alimentado amplo debate. Como tratar o material recolhido? Como formular hipóteses e interpretações a partir dele? Que inscrição deve ou pode ter o investigador no ambiente que estuda? Que responsabilidades carrega o historiador oral diante do que lhe contam? Que dever tem de restituir algo aos sujeitos e às comunidades com as quais contactou? E o que deve ou pode ser restituído? O autor não elabora um protocolo acabado de regras a cumprir nem fornece uma resposta taxativa a cada uma destas questões. Convida-nos antes a pensá-las a partir da própria natureza do trabalho em História Oral, fundado no respeito pela importância de *cada* narrativa, numa escuta ativa e não paternalista, bem como na capacidade de refletir sobre as diferentes relações de poder que se entretecem no trabalho de campo.

O capítulo 4 – «Memória e Acontecimento. A morte de Luigi Trastulli» – reproduz um dos mais conhecidos textos de Alessandro Portelli. Luigi Trastulli, jovem ope-

rário de Terni, fora assassinado em Março de 1949, no decorrer de uma fugaz manifestação contra a adesão italiana à NATO, apesar de boa parte dos testemunhos transpor o acontecimento para 1952/53, quando ocorrem despedimentos em massa e uma forte agitação operária. Esta mudança cronológica é acompanhada de uma nova roupagem contextual, que confere a Trastulli uma participação política prévia mais acentuada, introduz elementos dramáticos na narrativa e mostra como a cultura operária considera ambos os eventos – a manifestação contra a NATO e os despedimentos posteriores – enquanto parte de uma mesma sequência. A atenção concedida às narrativas «erradas» – que, lembra Portelli, apenas é possível porque se conhece o que efetivamente aconteceu – leva-o então a elaborar uma análise fina dos mecanismos de funcionamento da memória individual e de grupo.

É ainda sobre a memória que se debruça o último ensaio que publicamos neste livro. «Memória e Identidade. Uma reflexão a partir da Itália pós-fascista» equaciona o passado da resistência ao fascismo e à guerra em Itália a partir de um presente – no caso, o início do século XXI – no qual convivem memórias múltiplas e silêncios vários. Observa-se aqui com particular minúcia o episódio do massacre nas Valas Ardeatinas, em Roma, onde foram assassinadas 335 pessoas a 24 de Março de 1944, como represália por um ataque perpetrado contra uma coluna de militares nazis oriundos do sul do Tirol. Portelli dissectiona os mitos que sustentam a relação entre os dois acontecimentos – os

mitos da excecionalidade do ataque *partigiano*, da existência de um tempo de rendição ou da vigência de uma regra que consistiria em matar dez italianos por cada alemão caído –, fazendo implodir um certo discurso legitimador do massacre e trazendo à luz a forma problemática como em Itália se veio a lidar com certos momentos fundadores.

Redigidos em épocas e contextos distintos, os textos que compõem este volume possuem vários pontos de contacto entre si. Em primeiro lugar, entendem a História Oral, não tanto como uma mera técnica de recolha de dados provenientes de entrevistas, mas como uma prática que foi construindo um campo de conceitos e problemas e um modo peculiar de olhar os objetos – melhor, os sujeitos – sobre e com os quais produz conhecimento. Em segundo lugar, evidenciam como os desafios lançados às pesquisas apoiadas em fontes orais são, implicitamente, desafios lançados a toda a prática historiográfica, convidando a ponderar a matéria-prima que serve de base à escrita da História e o papel do historiador na sua seleção, arrumação e análise. Por fim, refletem sobre a forma como a imaginação, o desejo e a subjetividade influem nas representações que se fazem do passado, alertando para a «credibilidade diferente» das fontes orais e tornando a memória um terreno privilegiado de reflexão e tratamento intelectual.

## Notas

1 O trabalho de seleção e de tradução dos textos aqui publicados foi efetuado juntamente com Bruno Cordovil. A tarefa implicou, desde logo, um diálogo constante com a obra de Alessandro Portelli – escolhendo o que apresentar ao leitor e o que deixar de lado, tentando afeirir o contexto de produção de cada artigo e discutindo os obstáculos típicos da tarefa de tradução. Fazendo-o, convertemos frequentemente o diálogo em troca de opiniões sobre a natureza e as aplicações da História Oral. Esta introdução é também devedora do diálogo estimulante que fomos mantendo.

2 Vilanova, Mercedes (1998), «La historia sin adjetivos con fuentes orales y la historia del tempo presente», *Historia Oral*. Revista da Associação Brasileira de História Oral, n.º 1, pp. 31-42.

3 Evocando o recurso a testemunhos orais por parte de Heródoto e Jules Michelet, Paul Thompson considera a História Oral, por isso, como a mais antiga e mais recente forma de fazer História. Thompson, Paul (1978), *The Voice of the Past. Oral History*, Oxford: Oxford University Press.

4 Focalizando no caso italiano, veja-se: Portelli, Alessandro (1996), «Oral History in Italy», in Dunaway, David K. e Baum, Willa K. (org.), *Oral History: an interdisciplinary anthology*, Walnut Creek: Altamira Press.

5 Em Junho de 2011, o centro alterou a sua designação para *Columbia Center for Oral History*. Para uma história da História Oral que concentra a análise na sua afirmação nos Estados Unidos da América, veja-se: Sharpless, Rebecca (2007), «The History of Oral History», in Charlton, Thomas L.; Myers, Lois E. e Sharpless, Rebecca (org.), *History of Oral History: Foundations and Methodology*, Walnut Creek: Altamira Press. Para uma visão sobre a origem e as expressões do campo em diferentes países e regiões, veja-se: Dunaway, David K. e Baum, Willa K. (org.), *Oral History: an interdisciplinary anthology*, Walnut Creek: Altamira Press. Veja-se ainda: Joutard, Philippe (1996), «25 años de Historia Oral – II, La historia oral: balance de un cuarto de siglo de reflexión metodológica y de trabajos», *Historia, Antropología y Fuentes Orales*, vol. 1, n.º 15, p. 155-170.

6 Benjamin, Walter (1995), «Tesi di Filosofia della Storia», in *Angelus Novus. Saggi e frammenti*, Turim: Einaudi, p. 79.

7 Thompson, Paul (1978), *The Voice of the Past. Oral History*, Oxford: Oxford University Press, p. 27.

8 Veja-se: Ronald Grele, introdução a Portelli, Alessandro (2007), *Storie Orali. Racconto, immaginazione, dialogo*, Roma: Donzelli Editore, p. VIII.

9 Em entrevista a Carlo Romani, Portelli esclarece que foi através do contacto com cantores norte-americanos politizados – a sua tese de licenciatura centrara-se em Woody Guthrie – que despertou para o trabalho de recolha da música popular italiana. Nesta sequência, viria a colaborar com o *Istituto Ernesto de Martino*, um centro de investigação sobre a cultura popular italiana, possuidor de um pioneiro arquivo sonoro e fundado em 1966 por Gianni Bosio. Na sequência da morte de Bosio, em 1971, Portelli participará na criação do *Circolo Gianni Bosio*, em Roma, do qual é hoje presidente. A associação suspenderá a sua atividade no início da década de 1990 para a retomar em 1999. Desenvolve atualmente trabalho no âmbito da memória histórica e da recolha e reinvenção da cultura popular, sobretudo na área musical. Veja-se: (1997), «Depoimentos. Alessandro Portelli», *Projeto História*, n.º 15, pp. 193-228. Para uma visão comparada do trabalho do *Istituto Ernesto de Martino* e do *Circolo Gianni Bosio*: Portelli, Alessandro (2008), «Archivos de historial oral independientes en Italia», *Historia, Antropología y Fuentes Orales*, n.º 39, pp. 111-119.

10 Portelli, Alessandro (1988), «Uchronic Dreams: Working-Class Memory and Possible Worlds», *Oral History Journal*, vol. 16, n.º 2, pp. 46-56.